

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**FERNANDO MONTEIRO RUBIO**

**AUDIOVISUAL NA ESCOLA**

**ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA COM A PRODUÇÃO DE VÍDEOS**

**CURITIBA**

**2013**

**FERNANDO MONTEIRO RUBIO**

**AUDIOVISUAL NA ESCOLA**

**ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA COM A PRODUÇÃO DE VÍDEOS**

Artigo apresentado para obtenção de título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnologia, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Doutor Elson Faxina

**CURITIBA  
2013**

## **Audiovisual na escola**

### **Análise de uma experiência com a produção de vídeos**

RUBIO<sup>1</sup>, Fernando Monteiro.

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Polo UAB de Apoio Presencial em Foz do Iguaçu/PR.

**RESUMO** – A produção audiovisual no ambiente escolar é um desafio para o educador contemporâneo, que precisa aproximar as mídias da educação. O objetivo principal desta pesquisa foi discutir os aspectos que envolvem a produção de vídeos no ambiente escolar. Os dados utilizados para tratar o problema de pesquisa foram obtidos com professores e estudantes que participaram de uma experiência com a produção de curta metragens no ano de 2012, numa escola pública, em Foz do Iguaçu, Paraná. Alguns pontos positivos e negativos da experiência foram discutidos neste artigo. Por fim, apontamos algumas dificuldades e sugestões para se desenvolver o trabalho com audiovisual na escola, contribuindo, portanto, com as futuras discussões sobre o assunto.

Palavras-chave: Produção audiovisual. Curta metragem. Audiovisual na escola. Roteiro audiovisual. Cultura Digital.

---

<sup>1</sup>Rua Major Acylino de Castro, 468, AP. 601 – Vila Yolanda, CEP 85853-260, Foz do Iguaçu-Paraná  
e-mail: fernandocartola@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O universo humano digital que se vive na contemporaneidade modificou a vida das pessoas, permitindo um melhor acesso à informação e expandindo as possibilidades de comunicação. Nas escolas esta transformação tem se tornado um problema. O estudante nativo digital, aquele que domina e sabe utilizar as mais variadas tecnologias, sente-se cada vez mais estranho e deslocado dentro dos espaços das salas de aula, que são em sua maioria espaços tradicionais e “analógicos”, ou seja, munidos com as vozes dos professores, quadro e giz.

Romper com esse modo estranho e deslocado que as crianças e jovens sentem será um desafio homérico para os profissionais da educação, principalmente, porque as tecnologias da informação e comunicação prometem uma revolução na maneira como as pessoas aprendem e interagem com o mundo do conhecimento. Nesse sentido, o audiovisual é um campo de abrangência que pode auxiliar no trabalho docente. Basta pensar nas possibilidades pedagógicas de utilizar as imagens e sons, do universo de significados e reflexões que podem ser feitas na escola, permitindo um diálogo entre educandos, educadores e comunidade. Tal diálogo pode ser pensado enquanto fruto da elaboração de material audiovisual e não somente pela exibição de materiais prontos.

O avanço tecnológico, somado ao barateamento dos recursos digitais, torna possível o desenvolvimento de atividades pedagógicas com a produção audiovisual. Muitos alunos possuem aparelhos celulares com gravadores de som e vídeo. Desse modo, os estudantes podem se tornar protagonistas e produtores de significados e conhecimentos, e não apenas receptores passivos de informações. Por isso, o ensino de audiovisual nos ambientes educacionais torna-se extremamente importante e significativo.

Analisando por esse viés, conclui-se que a produção audiovisual é uma estratégia que pode somar para o processo de aproximação entre a cultura digital e a educação. Depreende-se também que é uma maneira de romper com o modelo tradicional de ensino, aquele no qual o aluno é apenas um lócus

para se depositar conhecimento e o professor o seu fiel depositário. Tal ruptura se dá pelo processo de produção audiovisual, no qual é necessário haver trocas de conhecimentos, diálogos, cooperação, reflexões, pesquisas e comunicação entre educandos e educadores.

Para tentar mostrar que as proposições feitas acima podem ser tangíveis, este trabalho expõe o relato e a discussão acerca de uma experiência com a prática de produção audiovisual no ano de 2012 com alunos de ensino médio do Colégio Estadual Três Fronteiras em Foz do Iguaçu, PR. Os vídeos produzidos participaram de um festival de curta-metragem com o tema “Minha vida de estudante”.

O objetivo principal desta pesquisa é contribuir para as discussões sobre a produção audiovisual na escola. O trabalho aqui descrito teve como motivação a participação no I Festival Nacional de Imagens EMdiálogo<sup>2</sup>. No entanto, também foi importante para os estudantes e profissionais da escola que participaram do processo de pré-produção, produção e pós-produção, pois ocorreram algumas interações no ambiente escolar e certas modificações na rotina da sala de aula que serão relatadas neste artigo. Por fim, comentar-se-á sobre um grupo de professores, estudantes e colaboradores culturais que foi formado no início de 2013 para trabalhar com mídia e comunicação, que, inclusive, já está fortalecendo a aproximação entre a cultura digital e a educação.

## PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E O EDUCADOR CONTEMPORÂNEO

A escola brasileira do século XXI vem enfrentando uma crise que se arrasta desde a década de 60. De um modo geral, a prática docente ainda tem se fundamentado na transmissão de conteúdos e conhecimentos. Mesmo frente a toda revolução das tecnologias de informação e comunicação, a educação continua, em grande medida, operando segundo o modelo que Freire

---

<sup>2</sup> **I Festival Nacional de Imagens EMdiálogo** foi um evento promovido na Internet pelo Portal Ensino Médio EMdiálogo que faz parte de uma das três ações do Projeto Diálogos com o Ensino Médio, uma parceria do Observatório da Juventude da UFMG e do Observatório Jovem da UFF com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

(1983) nomeou de bancário e instrucionista, no qual o aluno é depósito de conteúdos e o mestre, seu depositário. Uma escola assim não é capaz de gerar nos estudantes o autoconhecimento necessário como fonte criadora e gestora da vida, além de privá-los da própria história e da trajetória de existência enquanto sujeitos. Nessa escola se oprime ao invés de libertar.

Para Moraes (2001), os ambientes educacionais continuam repetindo o velho paradigma instrucionista. Ele aponta ser negativo usar os recursos tecnológicos somente como meios para transmitir informações aos alunos, pois, deste modo, a educação mantém o ideal de aluno *"tabula rasa"*, que absorve tudo passivamente. Em seguida, propõe que a escola precisa desenvolver nos educandos uma postura de aprender a aprender. Tal postura capacitará o aluno a refletir, analisar e tomar consciência daquilo que aprende. Desse modo, estará apto para rever os preconceitos, buscar informações e utilizar criticamente as tecnologias da informação e comunicação. Por fim, sugere uma matriz educacional que "vai além das paredes da escola à procura de uma *escola expandida*, que amplia os espaços de convivência e de aprendizagem, que quebra as paredes da escola em direção à comunidade" (MORAES, 2001, p. 16).

É possível pensar num conceito de "aula" que vai muito além do espaço físico fechado da "sala de aula". É plausível aceitar que o professor não pode continuar sendo detentor do conhecimento, com postura unilateral e comportamento autoritário. Nesse sentido, Moran (2008) afirma que a escola deveria proporcionar aos alunos oportunidades de utilizar as novas linguagens da comunicação, combinando pesquisas escritas com atividades em formatos atuais, como a criação de um programa de rádio ou a elaboração de um material audiovisual. Além de exigirem dos professores uma postura mediadora do conhecimento, tais atividades estimulariam a capacidade dos alunos fazerem uso crítico e criativo do intelecto durante o processo de aprendizagem.

Nesta mesma linha, Almeida (1994) fala sobre a importância do audiovisual na educação, afirmando que através da interação com a linguagem do cinema, os professores e alunos podem dialogar com as imagens e sons, favorecendo o desenvolvimento de uma maneira distinta de inteligibilidade, conhecimento e sabedoria. Reforça também o papel educativo da linguagem audiovisual por transcender o campo do conhecimento fonético-silábico,

principalmente porque muitas crianças e jovens estão sendo educadas nessa linguagem, seja pela televisão ou filmes.

Para Rizzo Junior (2011), na contemporaneidade a internet tem potencializado o papel do audiovisual na educação informal das pessoas e também na divulgação dos vídeos produzidos amadoramente. Então, afirma que a escola precisa acercar-se do trabalho com a linguagem das imagens e sons, e, não obstante, que o educador necessita receber formação profissional para trabalhar com os processos que envolvem a produção audiovisual, desde sua linguagem até suas múltiplas leituras. O autor ainda destaca que as crianças e jovens já estão familiarizados com o manuseamento dos aparatos tecnológicos necessários para produção de vídeos.

Na visão de Whonrath (2008), o trabalho com a produção audiovisual pode ser um método eficaz para transformar a relação entre professor e aluno, pois no processo de pré-produção e produção de um vídeo há o intercâmbio de conhecimentos e cooperação nas pesquisas. Essa troca dialógica rompe com a relação unilateral entre professor e aluno, pois ambos estarão colaborando para a compreensão de conceitos e situações, de modo a propor e descobrir soluções, assim como discutir e debater temas polêmicos. Tudo isso por intermédio do trabalho com a elaboração de vídeos.

A produção audiovisual no ambiente educacional ajuda a consolidar o papel ativo do educando como autor de conhecimentos, que também passa a ser ator do registro da memória da sociedade, contribuindo para discussões no presente e no futuro. É uma maneira de despertar o desejo dos jovens em participar do debate frente aos problemas da sociedade, de desenvolver uma postura crítica, questionadora e, mais importante ainda, produtora de patrimônio intelectual (COSTA e SANTANA, 2009).

Desta forma, a produção de audiovisual contribui para a ruptura com antigos paradigmas ainda existentes no ambiente escolar. É uma proposta pedagógica que exige daquele educador unilateral e autoritário um novo olhar sobre as relações de ensino e aprendizagem. Na elaboração de um vídeo, o relacionamento entre educador e educando se enriquece, pois juntos constroem significados e conhecimentos, num modo mais aberto ao diálogo, à troca e ao intercâmbio de experiências.

## **PRIMEIROS PASSOS DE UMA EXPERIÊNCIA**

Foi no anseio de tangenciar outro paradigma de relação entre professor e aluno, no qual fosse possível experimentar uma situação de troca e intercâmbio de experiências, que se vislumbrou a possibilidade de desenvolver um trabalho de produção audiovisual com estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Três Fronteiras, na cidade de Foz do Iguaçu. Esse trabalho ocorreu no segundo semestre do ano letivo de 2012, envolvendo professores e alunos do período matutino e noturno.

Em muitas oportunidades já se realizavam diálogos sobre a linguagem cinematográfica e também assistiam-se a filmes e documentários em sala de aula. Então, questionou-se se seria possível a realização de vídeos pelos estudantes no ambiente escolar e quais seriam suas vantagens pedagógicas. Neste momento, floresceu a ideia de convidar os estudantes para participar do I Festival Nacional de Imagens EMDiálogo.

A intenção de participar desse festival, cujo tema foi “Minha vida de estudante”, consistiu em possibilitar aos estudantes produzir curta metragens de no máximo cinco minutos, utilizando os recursos que possuíam, tais como celulares e câmeras filmadoras amadoras. Optou-se por desenvolver esse trabalho de produção audiovisual com duas turmas do Ensino Médio, uma 1ª série do período matutino e uma 2ª série do noturno. Por conseguinte, esse artigo versa sobre essa experiência com produção audiovisual, suas interferências no processo de ensino-aprendizagem e dificuldades para sua realização no ambiente escolar.

A pesquisa realizada para compor este artigo é do tipo Relato de Experiência, com abordagem qualitativa, tendo como método de recolha de dados a entrevista semi estruturada. A escolha pela entrevista se deu em função da necessidade de permitir aos entrevistados maior liberdade para relatar suas experiências com a produção audiovisual. Entretanto, tendo em vista os limites e riscos desse tipo de pesquisa, buscou-se nas reflexões manter certo distanciamento, que permitisse analisar criticamente todo o processo de elaboração deste estudo. Por isso, algumas estratégias foram



utilizadas para realizar essa análise, ainda que seja praticamente impossível manter isenção e imparcialidade nos processos de produção humana, que, segundo Minayo (2001), são processos subjetivos, emocionais e empíricos.

A estratégia foi realizar um roteiro de proposições para entrevistar os participantes da pesquisa. No roteiro elencaram-se alguns pontos importantes a serem abordados: importância pessoal de produzir vídeo na escola, aprendizagem que ocorreu na produção do vídeo, pontos positivos e negativos do trabalho com produção audiovisual, aspectos da construção do roteiro dos vídeos e sugestões para melhorar esse trabalho na escola. Com essa estratégia conseguiu-se dar um tratamento sistemático dos dados, o que permitiu selecionar temáticas para aprofundamento e introduzir outras questões no momento da entrevista. Deste modo, obteve-se um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões.

## **EXPERIÊNCIA COM A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL**

O processo de produção dos vídeos teve extensão de quatro semanas e ocorreu majoritariamente no ambiente escolar, em diversas situações, tais como, aulas de Biologia, Língua Espanhola, hora-atividade e fins de semana. Na primeira semana os estudantes foram apresentados ao tema e proposta do I Festival Nacional de Imagens EMDiálogo. Nesta etapa do trabalho foi necessário ampliar as questões referentes à linguagem cinematográfica e ao procedimento de criação de roteiros. Discutiu-se em sala de aula as etapas do roteiro: ideia, conflito, personagens, ação dramática, tempo dramático e unidade dramática. Depois, os estudantes reuniram-se em grupos para montar um roteiro audiovisual referente ao tema “Minha vida de estudante”.

No total foram elaboradas três propostas de roteiro, duas delas pela turma do período matutino e uma pela turma do noturno. Os alunos da noite resolveram abordar o problema de conciliar os estudos com a rotina de trabalhador. Fizeram as filmagens em um único dia, na biblioteca da escola, utilizando duas câmeras filmadoras amadoras. A turma seguiu o roteiro já construído em sala de aula, no qual a ação dramática se desenvolvia com a

gravação de uma roda de conversa, discutindo os problemas e dificuldades de ser trabalhador e precisar estudar no período noturno. “Cinco vidas de estudantes”<sup>3</sup> foi o título dado a este curta metragem, sendo inteiramente editado fora da escola pelos professores nos finais de semana, pois o laboratório de informática não suportou a edição do vídeo. Infelizmente, a possibilidade da participação dos alunos neste processo de edição esbarrou nesse obstáculo, gerando frustrações nos envolvidos.

Os dois outros vídeos foram produzidos pelos alunos do período matutino, que tiveram mais disponibilidade de tempo para realizá-los, pois se reuniram no período vespertino para fazer as gravações. Então, os curta metragens “Escola: algumas vozes”<sup>4</sup> e “Minha vida de estudante”<sup>5</sup> contaram com a participação de professores e pedagogos, que cederam entrevistas aos alunos, respondendo como era a vida de estudante na época em que estudavam. Estes dois grupos de alunos também tiveram dificuldades para editar os vídeos na escola e, por isso, necessitaram editá-los em casa, nos seus computadores pessoais.

Esses três vídeos participaram do festival e durante o mês de novembro de 2012 ocorreram as votações no site do Portal EMDiálogo da Universidade Federal Fluminense. Nesta etapa os alunos divulgaram seus vídeos pelo facebook, algo que gerou mobilização dos estudantes da escola para divulgar os vídeos. Outros professores da escola, que não estavam envolvidos no processo de produção dos vídeos, ficaram sabendo do trabalho e contribuíram divulgando os vídeos nas salas de aula. Na segunda quinzena de dezembro foi publicado no site o resultado dos ganhadores do festival e o vídeo “Cinco vidas de estudantes” recebeu o terceiro lugar geral.

No ano de 2013, os organizadores do festival convidaram dois alunos e um professor de cada vídeo ganhador para participar da premiação em Brasília. A solenidade de entrega dos prêmios ocorreu durante a Reunião Técnica Ensino Médio Integral, realizada pelo Ministério da Educação entre 24 e 26 de abril. Duas alunas e um professor relacionados à produção do vídeo

---

<sup>3</sup> Vídeo disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=Aaq4Z\\_T62Eg](http://www.youtube.com/watch?v=Aaq4Z_T62Eg)

<sup>4</sup> Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sYDYXFNTZEM>

<sup>5</sup> Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=164hFISXxD8>

“Cinco vidas de estudantes” viajaram à Brasília para receber o prêmio de terceiro lugar.

Cabe destacar aqui que a experiência com a produção de vídeos no ano de 2012 intensificou a colaboração da Supervisão Pedagógica da Escola, o que impulsionou um projeto que estava em andamento culminando na continuidade das atividades com mídia e comunicação no Colégio Estadual Três Fronteiras, que recebeu financiamento do Programa Federal “Ensino Médio Inovador” e possibilitou montar uma sala-estúdio para editar vídeos, como também equipamentos para produção audiovisual. Atualmente, o projeto conta com a participação de colaboradores da área de cultura e comunicação da cidade de Foz do Iguaçu. Dentre os parceiros estão a Casa do Teatro, a Fundação Guatá e o grupo Megafone de comunicação na web.

O projeto propõe desenvolver atividades com fotografia digital, rádio, audiovisual e internet. Pretende também ser um canal de comunicação entre os professores, os alunos e a comunidade. A intenção é somar esforços para que as mídias se integrem no ambiente escolar e possam ser utilizadas com discernimento e competência para romper com as barreiras impostas pelo monopólio da informação e comunicação vigentes no Brasil.

Essa ampliação do projeto motivou ainda mais a produzir uma reflexão sobre a importância da produção audiovisual no processo ensino-aprendizagem tanto para professores quanto para alunos. É o que veremos a seguir.

## **IMPRESSÕES DA EXPERIÊNCIA**

Os resultados a seguir mostram as impressões dos alunos e professores sobre a importância deste trabalho de produção audiovisual na escola. Os dados para discuti-la foram coletados por meio das entrevistas semi estruturadas citadas na metodologia, contando com a participação de seis entrevistados, sendo quatro estudantes e dois professores.

As duas primeiras entrevistas se deram com as alunas Bárbara Menegon e Karina Carrion, que receberam as premiações em Brasília pelo

vídeo “Cinco vidas de estudantes”. Na fala de ambas é possível identificar o quanto foi diferente e estimulante trabalhar com a produção audiovisual, inclusive pela oportunidade de modificar a rotina da sala de aula. Citaram que a construção de um roteiro audiovisual permitiu-lhes interagir com outras linguagens, assim como usá-las para gerar significados e conhecimentos.

Outras duas entrevistas foram feitas com os alunos Bruno Vaz e Uniro de Lara, participantes da elaboração dos vídeos “Minha vida de estudante” e “Escola: algumas vozes”, respectivamente. Os dois citaram os problemas relacionados à falta de recursos tecnológicos na escola, principalmente, referentes ao trabalho com a edição de vídeos. Nessas entrevistas percebeu-se que é preciso haver investimento e políticas educacionais estimuladoras na integração do uso das mídias na educação.

Quanto às entrevistas concedidas pelos professores André Spiller, protagonista no vídeo “Minha vida de Estudante”, e Mara Cecília Lobregat, parceira no desenvolvimento dos vídeos, ambos enfatizaram a importância de se produzir material audiovisual na escola, citando ser a troca de experiências e conhecimentos com os estudantes o ponto mais forte deste trabalho. Quando questionados sobre a qualidade dos recursos tecnológicos da escola, concordaram que é necessário que se invista mais nos laboratórios de informática e equipamentos digitais. Também reclamaram do excesso de carga horária em sala de aula como um dos principais motivos que dificultam um trabalho com produção audiovisual.

Apesar das dificuldades apontadas acima, a produção audiovisual no ambiente escolar oportunizou aos estudantes uma rotina diferente daquela observada na maioria das aulas em que o professor é o detentor da palavra e o transmissor do conhecimento. Essa diferença se faz principalmente porque ao se elaborar um vídeo o educando se sente numa posição ativa e criadora mediante um tema ou proposta de trabalho. Este aspecto pode ser evidenciado na fala do aluno Uniro de Lara quando diz que “para se produzir um vídeo é necessário saber como montar um cenário, organizar a captação de som, a iluminação e também tem que pesquisar, não é simplesmente ligar uma câmera e começar a gravar”. Dessa fala depreende-se aquilo que Moraes (2001) pontua como aprender a aprender, pois o aluno sentiu necessidade de preparar-se para começar a gravar o vídeo. Para tanto teve que buscar

informações e organizar o trabalho da filmagem, colocando-se numa postura ativa, diferente da postura passiva que Moraes nomeou de aluno "*tabula rasa*".

Nesta mesma linha de pensamento, o aluno Bruno Vaz complementa afirmando que "os alunos não gostam muito de sala de aula, então trabalhar nessa parte de vídeo, de edição, com certeza vai ser melhor para conhecer mais sobre um assunto, sobre um tema que o professor quer discutir, então o aluno acaba ajudando o professor". Nessa colocação é possível perceber que ao desenvolver atividades de produção audiovisual os estudantes sentem maior autonomia e liberdade para criar, harmonizando a relação entre educando e educador. Nesse sentido, essas atividades podem contribuir no processo de ruptura com o modelo bancário de educação a que Freire (1983) se referia como unilateral, pois, como disse Bruno, o aluno vai buscar mais informações sobre um assunto que o professor quer discutir e acaba colaborando no processo de construção do conhecimento. É importante também ressaltar que Bruno inicia sua fala afirmando que os alunos não gostam muito de sala de aula, ou seja, pode-se inferir que seus colegas de classe concordam com aquilo que ele está dizendo e/ou compartilham desse mesmo sentimento.

No entanto, é necessário ressaltar que o papel do professor é mediar e orientar os processos de pré-produção e produção audiovisual. Os alunos precisam estar preparados para entender a importância de se organizar um roteiro e de realizar pesquisas, caso contrário toda a atividade pode ficar comprometida. Referindo-se ao trabalho de produção audiovisual, a aluna Bárbara Menegon fala que "a primeira vez que a gente fez esse tipo de trabalho a gente não levou muito a sério, mas com a influência dos professores a gente foi se interessando, foi aprendendo como o vídeo é importante, como que as cenas são feitas para emocionar a gente, para mudar nossa opinião".

Na fala da aluna fica claro que o professor deve orientar o trabalho dos alunos, precisa apontar para a importância de se fazer um vídeo não só como simples ato de quebrar a rotina da sala de aula, mas enquanto momento de aprendizagem e troca de experiências. Para tanto, Moran (2008) coloca que a escola necessita rever seu processo de organização, flexibilizar seus currículos, adaptar-se para novas situações e formar seus professores no

encaminhamento da aprendizagem por meio das tecnologias da informação e comunicação.

Do ponto de vista da professora Mara Cecília Lobregat, colaboradora do projeto, o trabalho de produção audiovisual é uma oportunidade do educador dialogar com os educandos e criar espaços para troca de conhecimentos. A professora ministra aulas de Língua Espanhola e afirmou que em diversas situações utilizava as tecnologias da comunicação em suas aulas, entretanto ressaltou: “minha participação na produção do vídeo exigiu uma compreensão mais profunda dessa linguagem. O desafio me levou também a aprender. Ao mesmo tempo em que ensinava também aprendia”.

Outro ponto ressaltado pela professora foi a necessidade de formação profissional, pois relatou que está fazendo um curso de especialização referente ao uso das mídias integradas na educação e que o mesmo já a tem auxiliado na melhoria de suas aulas. Neste sentido, cabe salientar a importância que Rizzo (2011) dá para a formação profissional dos professores em audiovisual, inclusive sugere em sua tese de doutorado um programa disciplinar para curso de especialização em Cinema e Educação. Então, fica evidente que a capacitação dos professores é imprescindível para que se faça o uso pedagógico da linguagem audiovisual. Portanto, longe de usá-la apenas enquanto entretenimento para quebrar a rotina da sala de aula, o educador precisa buscar nessa linguagem uma abordagem que proporcione ao aluno desenvolver o senso crítico e a postura questionadora dos conceitos e problemas da sociedade.

A professora Mara também afirma que projetos ousados na área de tecnologias em mídias dependem de ações conjuntas que requer não só a disponibilidade e vontade do professor, mas condições reais de tempo e espaço adequados para a realização de tais práticas. Complementa dizendo que “o processo dessa produção audiovisual gerou uma realização profissional pelo resultado em ver os alunos empolgados e envolvidos, mas ao mesmo tempo senti o desgaste físico e psíquico, pois ministrando trinta e duas aulas na semana, percebi uma ausência de tempo para preparar com mais profundidade estudos voltados às mídias”. Com esse relato, pode-se concluir que, além do governo fornecer subsídios tecnológicos na escola, também é fundamental que se invista em melhores condições de trabalho para os

professores, principalmente por meio da redução da carga horária em sala de aula.

Já para o professor André Spiller, que ministra a disciplina de Geografia, a escola não pode seguir reprimindo e afastando as novas tecnologias da informação e comunicação. Ele afirmou que é muito importante desenvolver trabalhos que aproximem a cultura digital do ambiente educacional. Em sua entrevista, disse que “o governo precisa dar mais atenção aos novos recursos da tecnologia e investir numa escola digital capaz de romper com os métodos tradicionais de ensino”.

Concordando com a fala de André, o aluno Bruno diz que um ponto negativo foi a falta de um laboratório de informática habilitado para suportar a edição de vídeos, pois teve que realizar esse trabalho no computador de seu amigo. Afirmou em sua entrevista que “gostaria de ter feito todo o trabalho na escola. Fez falta o professor me ajudar e os outros alunos participar. Tive que editar sozinho e acho que não ficou bom não”. De fato é necessário adaptar as escolas para o mundo digital e capacitar os professores para trabalharem com as tecnologias da informação e comunicação, assim como rever o tempo destinado à sala de aula.

A presença das tecnologias no cotidiano dos jovens é uma realidade da qual a escola não pode se esquivar. A aluna Karina Carrion reclama por não ter tido mais oportunidades de criar vídeos dentro do ambiente da escola, já que está terminando seus estudos no ensino médio e saindo do colégio. “Já faz tempo que a tecnologia está acessível para todo mundo, então acho que tinha que ter sido feito isso antes, chamado à atenção dos jovens para a produção de vídeos, porque eu vi que com o vídeo consegui me interessar mais, aprendi mais também. O nosso vídeo foi sobre o estudante que trabalha, e a dificuldade dele na escola, então eu refleti sobre eu mesma, porque eu trabalho bastante e isso não tava no livro do professor”. Com essa afirmação Karina corrobora com COSTA e SANTANA (2009), pois tais autores colocam que além da produção audiovisual permitir ao aluno sentir-se parte do processo de construção do conhecimento, também o coloca enquanto ator do registro da memória da sociedade e, ainda, produtor de patrimônio intelectual.

Noutro momento da entrevista, Karina diz estar muito cansada de ter que copiar textos do quadro, de fazer exercícios do livro didático, de ter que

aceitar o que o professor quer porque precisa de notas para ser aprovada. Em outro ponto, a mesma lembra que produzir material audiovisual pode ser uma oportunidade de se conhecer a realidade da comunidade na qual vive e de trazer os problemas sociais do bairro que serão discutidos no ambiente escolar. Isso fica claro quando diz que “o aluno vai procurar desenvolver o roteiro dele e vai trazer o diálogo da comunidade pra dentro do colégio. Não vai ficar fechado na sala só com o professor e os colegas.”. Aqui é possível notar a possibilidade do educador utilizar a produção de vídeos para fazer uma ligação entre os conteúdos ministrados na sua disciplina com a realidade dos alunos.

Portanto, acredita-se que o trabalho pedagógico com a produção audiovisual contribui substancialmente para romper com o modelo unilateral de educação, por fortalecer os laços entre o ensinar e o aprender ao colocar educadores e educandos numa postura de colaboração e cooperação perante o universo do conhecimento. Outra contribuição importante desse trabalho para o ambiente escolar se faz pela possibilidade de integrar a realidade da comunidade no debate em sala de aula, aproximando-se daquilo que Moraes (2001) nomeou de *escola expandida*.

A presente discussão também aponta aspectos que precisam ser repensados para que o trabalho com a produção audiovisual seja realizado com discernimento e eficácia. Um deles é a necessidade de se criar cursos de especialização em audiovisual, como sugerido por Rizzo (2011). Outro ponto a ser pensado é a falta de recursos tecnológicos na escola, tais como laboratórios de informática devidamente equipados para edição de vídeos. Por fim, é imprescindível que se reflita sobre a melhoria das condições de trabalho docente, principalmente reduzindo o tempo de sala de aula para que seja possível desenvolver projetos e/ou trabalhos com as mídias na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesquisa mostrou as barreiras existentes no momento em que o educador se propõe a enfrentá-las diante do desafio de inovar sua prática pedagógica usando as tecnologias da informação e comunicação na escola. Só



é possível desenvolver trabalhos de produção audiovisual quando o educador ainda idealiza uma educação transformadora e significativa para o educando. Será no rompimento de obstáculos, por aqueles que encaram o desafio, que a revelação desse tipo de trabalho poderá harmonizar a relação entre educador e educando, transformando o espaço educacional em um local para trocas e construção coletiva do conhecimento.

Ao dialogar com discussões teóricas de alguns autores citados neste artigo, compreendemos que a execução de um trabalho com audiovisual no ambiente escolar requer a interatividade entre o docente e o discente. Nessa interação, gera-se uma postura de parceria que se consubstancia no protagonismo do educando como ator e (co)-autor do conhecimento.

Outra inferência possível a considerar é o fato da proposta de produzir vídeos ser uma maneira de fazer o educando sentir-se acolhido pela escola, por possibilitar-lhe uma relação mais direta com a cultura digital e a linguagem audiovisual, que lhe é tão presente na educação informal, tal como apontou Almeida (1994), ao dizer que as crianças e jovens vêm sendo educados pelo universo audiovisual.

As impressões dos educadores e educandos entrevistados evidenciam o quanto é significativo o trabalho com as tecnologias da informação e comunicação, em especial quando o trabalho envolve a criação de vídeos, exatamente pela sua natureza de proporcionar a liberdade de criação e a interação entre as partes envolvidas. Mas há urgência em ouvir as vozes silenciadas e sufocadas do educador, porém latejantes por melhores condições de trabalho, que requerem tempo para a realização de construções inovadoras e necessárias à realidade da sociedade cada vez mais tecnológica e imersa no universo do audiovisual.

Doravante, com a ampliação do projeto a partir da parceria com outros agentes culturais do município, os laços entre os professores do projeto, equipe pedagógica e alunos continuarão a ser avigorados quando os sonhos de todos, por uma educação crítica e construtiva, encontrarem-se para seguir materializando-se em ações reais, que na sua essência ainda permanecerão sendo parte de sonhos compartilhados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.

COSTA, Rafael Nogueira, SANTANA, Hélder Oliveira de. **A produção de documentários no ambiente escolar**. Disponível em: [http://www.fsma.edu.br/visoes/ed07/Edicao\\_7\\_artigo\\_5.pdf](http://www.fsma.edu.br/visoes/ed07/Edicao_7_artigo_5.pdf)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 13ª ed. São Paulo: Papirus, 2001.

MORAN, José Manuel. **As mídias na educação**. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias\\_educ.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm)

RIZZO JUNIOR, Sergio Alberto. **Educação audiovisual: uma proposta para a formação de professores de Ensino Fundamental e de Ensino Médio no Brasil**. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/.../SergioALbertoRizzoJunior.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/.../SergioALbertoRizzoJunior.pdf)

WHONRATH, Fabianna Maria. **Audiovisual na sala de aula: estudo de trabalhos de produção de vídeo como instrumento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem**. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000439997>